

# País espera para definir negociação

**BRASILIA  
AGÊNCIA ESTADO**

O Brasil tem várias opções para a próxima fase da renegociação da dívida externa. Tanto pode continuar fazendo renegociação anual, já que a cada rodada melhoraram as condições de pagamentos, ou então pode fazer a renegociação plurianual, abrangendo vários anos, reduzindo as incertezas e dando maior tranquilidade ao País. O importante é que o Brasil vai apresentar suas reivindicações para obter a maior folga possível na programação do endividamento, mas sem tentar nenhuma confrontação com os bancos credores.

Essas observações foram feitas, ontem, pelo ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, ao assinalar que o Brasil ainda não tem um esquema definido de renegociação, justamente porque só a partir do primeiro contato com os banqueiros, no final deste mês, após a assembleia anual do FMI, é que as coisas vão começar a se delinear. Além disso, o governo vai esperar os resultados preli-

minares do balanço de pagamentos deste ano, para aprofundar a renegociação.

Face à observação de que o ex-presidente do Banco Central, Carlos Geraldo Langoni, considerou frustrante a renegociação que o México acabou de concluir, por não ter conseguido incluir a questão dos juros, o ministro Ernane Galvêas comentou: "Alguns bancos, alguns países, aceitam a capitalização dos juros. Outros, não. Estamos esperando a evolução dos acontecimentos, e até o momento em que definirmos as negociações o clima pode ter melhorado para possibilitar uma capitalização dos juros, ou uma programação de créditos novos com base nos juros que devem ser pagos".

Frisou mais: "Existem muitas alternativas, e nossa idéia é conseguir melhores prazos, menores spreads e, se possível, maior automaticidade na programação do pagamento dos juros". Salientou que a negociação do México certamente vai ter influência sobre a

brasileira, na medida em que há um clima favorável na comunidade bancária internacional para ir fornecendo essas condições a outros países.

Disse ainda Galvêas que uma das novidades, na próxima negociação, certamente será a concessão, pelos bancos, para a utilização da Libor (taxa de Londres) como taxa básica para os financiamentos. A Libor, como se sabe, geralmente fica um pouco abaixo da prime rate (a taxa dos clientes preferenciais nos EUA).

Com relação à necessidade de recursos para o próximo ano, o ministro da Fazenda disse que ainda é cedo para se ter uma idéia do montante. Observou que é preciso saber, antes, os resultados do balanço de pagamentos que, a seu ver, serão muito melhores do que os dados projetados. "Estamos com uma situação muito boa na estrutura do balanço de pagamentos, principalmente a perspectiva de continuarmos com um saldo comercial muito bom, e reservas bastante confortáveis."